

4

Conclusão

E se eu não morresse, nunca!

De uma cidade, não aproveitamos as suas sete ou setenta e sete maravilhas, mas a resposta que dá às nossas perguntas.

Ítalo Calvino

Ao debruçarmo-nos sobre as obras de Cesário Verde e Alexandre O'Neill, percebemos interrogações que um estudo mais aprofundado acarretariam.

Uma das interrogações que primeiro nos chama à atenção é o da inadequação do sujeito no espaço que ocupa. Como pôde ser verificado no trabalho, esta inadequação pode ser analisada como fruto das contradições pelas quais o sujeito está submetido e, dependendo de sua sensibilidade, que ele pode sentir e pressentir. Essa inadequação faz com que o espaço seja observado e lido de uma maneira diferente da habitual. Alguns pontos contribuem para esta inadequação.

A partir de uma apresentação do processo de desenvolvimento da cidade moderna, vimos que nela a unidade desintegra-se, implicando a fragmentação do sujeito.

A poesia de Cesário Verde demonstra o questionamento acerca das condições sociais de Lisboa no final do século XIX. As contrariedades, a opressão implicaram um movimento de conscientização do sujeito em relação ao seu mundo real, percebendo esse mesmo real não como um dado objetivo, mas também no seu simbolismo coletivo.

Identificamos alguns pontos em comum entre os artistas surrealistas e o poeta do real. Com os “olhos de dentro” ou com a “visão de artista”, Cesário julga ver aquilo que sabemos não está visível, não ser. A transfiguração do real é o ponto máximo a que Cesário Verde tende, apontando para um olhar próximo àquele dos artistas surrealistas.

Quase cem anos após a morte de Cesário Verde, Alexandre O'Neill empreendeu uma aventura similar. O'Neill também anda por Lisboa à procura de respostas ao seu tempo. O que está a sua volta o atrai e o preocupa e o faz sentir tão inadequado àquele ambiente quanto o sentia Cesário Verde. Após uma primeira tentativa, desiste de procurar por pressupostos surrealistas. Verifica que o que está à procura pode estar ao alcance de suas mãos. Alias, é aquela com quem desejou viver o *amour fou*, a artista do grupo de Paris, Nora Mitrani, quem vai lhe dizer que as transformações do homem e do mundo está na consciência de cada um. E o artista deve atuar de forma autônoma.

Levado pelas mãos de Cesário, O'Neill averigua a possibilidade de transformação daquilo que o rodeia. Ele parece querer ver o espaço que ocupa com cuidado, “com uma luneta de uma lente só”, a fim descobrir os seus mistérios, os seus pecados, os seus personagens, o seu quotidiano. No avançar da modernidade, das transformações das cidades, do progresso social e científico (fatores que suscitaram tantas questões a Cesário Verde), O'Neill vê a cidade de Lisboa como espaço periférico, e ainda, no contexto do autoritarismo político.

O desejo de “reabilitar o real quotidiano” e a escrita através do abandono vigiado aproximam-no de Cesário Verde. A enumeração das coisas ao redor, organizadas em inventários, é um exemplo de como O'Neill vê o que está a sua volta, não aquilo que está apenas dentro de si. Ressaltamos, todavia, que a passagem pelo Grupo Surrealista de Lisboa, o conhecimento da técnicas exploratórias desenvolvidas, as diversas experiências plásticas deixaram, sem dúvida, marcas indeléveis na sua obra, além de ajudá-lo no processo de transformação de si, do homem e do mundo.

Muitos outros poetas leram Lisboa. As questões, as inquietações parecem que não deixarão de vir à tona, nunca serão satisfatoriamente respondidas. É um movimento circular e ascendente, atraindo cada vez mais pessoas, sejam poetas, sejam pesquisadores, para o seu centro.